Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pechorro, Pedro Fernandes dos Santos
Domingos, João Paulo Marôco
Vieira, Rui Manuel Xavier
Oliveira, João Pedro Teixeira Godinho de
Gonçalves, Rui Abrunhosa, 1958-

Delinquência juvenil : um estudo comparativo de rapazes institucionalizados

http://hdl.handle.net/11067/5011
https://doi.org/10.34628/ayam-n528

Metadados

Data de Publicação 2015

Resumo A presente investigação teve como objetivo analisar o papel desempenhado na delinquência juvenil pelos constructos de traços psicopáticos, problemas de comportamento, comportamentos delinquentes e autoestima. Recorrendo a uma amostra total de 543 jovens do sexo masculino, subdividida em amostra forense (n = 221; M = 15.86 anos; DP = 1.31 anos; amplitude = 13-20 anos) e em amostra escolar (n = 322; M = 16.03 anos; DP = 1.62 anos; amplitude = 12-20 anos), os resultados indicaram que os jovens da a...

The aim of the present study was to analyze the role played by psychopathic traits, behavior problems, delinquent behaviors and self-esteem in juvenile delinquency. With a total sample of 543 male participants, subdivided in forensic sample (n = 221; M = 15.86 years; SD = 1.31 years; range = 13-20 years) and school sample (n = 322; M = 16.03 years; SD = 1.62 years; range = 12-20 years), the results showed that youths from the forensic sample score higher on psychopathic traits, behavior problems...

Palavras Chave Delinquentes juvenis masculinos - Psicologia

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, v. 06, n. 2 (Julho-Dezembro 2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T09:02:48Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

DELINQUÊNCIA JUVENIL:
UM ESTUDO COMPARATIVO DE RAPAZES INSTITUCIONALIZADOS

Pedro Pechorro
Escola de Psicologia, Universidade do Minho (EP-UM) e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

João Marôco
ISPA – Instituto Universitário (ISPA-IU)

Rui Xavier Vieira
Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa (FM-UL)

João Pedro Oliveira
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

Rui Abrunhosa Gonçalves
Escola de Psicologia, Universidade do Minho (EP-UM)

Este artigo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da bolsa SFRH/BPD/86666/2012.

Os nossos agradecimentos aos Centros Educativos da Bela Vista, Mondego, Navarro de Paiva, Olivais, Padre António Oliveira, Santo António, Santa Clara e à Prisão-escola de Leiria.

Resumo: A presente investigação teve como objetivo analisar o papel desempenhado na delinquência juvenil pelos constructos de traços psicopáticos, problemas de comportamento, comportamentos delinquentes e autoestima. Recorrendo a uma amostra total de 543 jovens do sexo masculino, subdividida em amostra forense (n = 221; M = 15.86 anos; DP = 1.31 anos; amplitude = 13-20 anos) e em amostra escolar (n = 322; M = 16.03 anos; DP = 1.62 anos; amplitude = 12-20 anos), os resultados indicaram que os jovens da amostra forense apresentam valores significativamente mais elevados em traços psicopáticos, problemas de comportamento, comportamentos delinquentes, além de valores mais baixos em autoestima. Um modelo de regressão logística binária apoiou a importância destas variáveis na predição de pertença dos jovens às amostras forense e escolar.

Palavras-chave: Delinquência juvenil; Traços psicopáticos; Problemas de comportamento; Autoestima.

Abstract: The aim of the present study was to analyze the role played by psychopathic traits, behavior problems, delinquent behaviors and self-esteem in juvenile delinquency. With a total sample of 543 male participants, subdivided in forensic sample (n = 221; M = 15.86 years; SD = 1.31 years; range = 13-20 years) and school sample (n = 322; M = 16.03 years; SD = 1.62 years; range = 12-20 years), the results showed that youths from the forensic sample score higher on psychopathic traits, behavior problems and delinquent behaviors; they also score lower on self-esteem. A binary logistic regression model supported the importance of these predictor variables.

Key-words: Juvenile delinquency; Psychopathic traits; Behavior problems; Self-esteem.

Introdução

Assiste-se atualmente a um interesse renovado pelo estudo da delinquência juvenil e ao desenvolvimento de novas teorias e hipóteses de investigação (e.g., Moffitt, Caspi, Rutter, & Silva, 2006; Patterson, & Yoerger, 2002). Autores proeminentes nesta área de investigação (e.g., Farrington, Loeber, & Kalb, 2001) enfatizam a necessidade de se incentivar a investigação empírica direccionada

ao estudo dos jovens delinquentes graves e persistentes de forma a acumular evidências científicas consistentes que permitam posteriormente fundamentar as intervenções no terreno, quer em termos de eficácia terapêutica quer em termos de custo/benefício.

A psicopatia enquanto constructo aplicado a adolescentes no contexto da delinquência juvenil tem vindo recentemente a reassumir importância crescente na investigação actual (Vaughn & Howard, 2005). Acumulam-se evidências de que este constructo estará associado a uma maior estabilidade e frequência dos comportamentos antissociais, a comportamentos delinquentes mais graves e violentos, a um início precoce das atividades criminais, a detenções precoces pela polícia e a condenações precoces pelos tribunais (e.g., Kruh, Frick, & Clements, 2005; Pechorro, Marôco, Gonçalves, Nunes, & Jesus, 2014; Salekin, Rosenbaum, & Lee, 2008; Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge, & Doreleijers, 2011).

A psicopatia é geralmente conceptualizada como uma síndrome que se mantém ao longo da vida e que engloba uma constelação categorial de traços extremos a nível interpessoal, afectivo, comportamental e de estilo de vida (Ribeiro da Silva, Rijo, & Salekin, 2012; Salekin, & Lynam, 2010). Os sujeitos psicopáticos tendem a demonstrar comportamentos violentos proactivos com mais frequência, motivados por razões instrumentais como ganhos materiais e vingança (e.g., Serin, 1991). Os traços psicopáticos, que podem ser definidos desde o ponto de vista dimensional, referem-se a um padrão manipulador, enganador, insensível e sem remorsos que tem vindo a ser associado a um tipo de comportamento antissocial mais grave, persistente e violento, de início precoce, com preferência por atividades excitantes e perigosas (e.g., Andershed et al., 2002; Frick et al., 2003; Pechorro, 2011; Vitacco et al., 2002).

Alguns investigadores (e.g., Lynam, 1998; Frick, 1998) começaram a modificar a rede nomológica da psicopatia e a adaptar os instrumentos de investigação existente sobre a psicopatia a menores de idade de ambos os sexos. Estes autores defendem que os menores que exibem uma combinação de impulsividade, hiperatividade e défice de atenção, bem como de perturbação do comportamento, teriam uma variante especialmente nefasta de perturbação de comportamento que os tornava similares aos psicopatas adultos. Através de medidas de psicopatia, de comportamento antissocial e de tarefas laboratoriais construídas para avaliar a modulação de respostas (e.g., dificuldade em adiar a gratificação), estes menores poderiam ser identificados.

A investigação até agora efectuada sugere que o constructo da psicopatia tem estrutura fatorial de três ou quatro dimensões, nomeadamente constituída pelas dimensões de traços calosos/não-emocionais, impulsividade e narcisismo a que se juntaria eventualmente uma outra dimensão antissocial (Kosson, Forth, & Hare, 2003; Pechorro, Barroso, Marôco, Vieira, & Gonçalves, in press). A literatura tem salientado o papel dos traços calosos/não emocionais, definidos como um estilo afectivo (e.g., ausência de culpa, restrição da emoção demonstrada) e interpessoal (e.g., falta de empatia) que emerge como uma dimensão distinta; este tipo de

traços têm sido referenciados como tendo a capacidade de diferenciar um tipo de jovens delinquentes mais graves e agressivos (Caputo, Frick, & Brosky, 1999; Kruh, Frick, & Clements, 2005; Pechorro, Ray, Barroso, Marôco, & Gonçalves, in press) de uma forma que as outras dimensões de impulsividade e de narcisismo não conseguem.

Algumas das características mais interessantes e em comum entre os traços psicopáticos e os comportamentos antissociais (Forth & Book, 2010) são a sua forte associação mútua e a sua grande estabilidade da infância à idade adulta (Moffitt, 1993). A co morbilidade dos traços psicopáticos com outras perturbações é alta, podendo até ser considerada a regra (Frick, 1998). Cada vez mais se têm acumulado evidências de que os menores diagnosticados com co morbilidade de Perturbações Disruptivas do Comportamento e de Défice de Atenção (DSM-5; American Psychiatric Association, 2013) exibem um tipo de comportamento antissocial particularmente grave e agressivo semelhante ao dos adultos com psicopatia (Barry et al., 2000; Leistico, Salekin, DeCoster, & Rogers, 2008), especialmente quando há elevação dos traços calosos/não-emocionais (Sylvers, Brennan, & Lilienfeld, 2011; Wilson, Juodis, & Porter, 2011).

Salekin, Leistico, Neumann, DiCicco e Duros (2004) analisaram a relação entre psicopatia juvenil e psicopatologia externalizante definida em termos de comportamentos disruptivos, tendo concluído pela existência de correlações moderadas altas ($r = .36 – .49$) entre as ambas. Sevecke e Kosson (2010) evidenciaram existência de uma ligação retrospectiva entre psicopatia no adulto e perturbações do comportamento na infância, tais como início precoce de comportamentos antissociais, violência crónica, delitos diversificados e impulsividade. Myers, Burket e Harris (1995) estudaram a relação entre psicopatia e certas formas de psicopatologia em adolescentes hospitalizados, tendo encontrado correlações positivas e estatisticamente significativas da psicopatia com Perturbação do Comportamento e com comportamentos antissociais. Frick, Barry e Bodin (2000) encontraram correlações fortes e significativas ($R = .52 – .65$; $p \leq .001$) entre as dimensões do APSD (Impulsividade, Narcisismo e Traços Calosos/Não-emocionais) e a Perturbação do Comportamento.

Outro constructo associado frequentemente à delinquência juvenil é a autoestima, dado que desde há muito que psicólogos, sociólogos e criminologistas consideram que esta se correlaciona de forma importante com o comportamento antissocial (Caldwell, Beutler, Ross, & Silver, 2006; Mason, 2001). A baixa autoestima pode levar o jovem a relacionar-se com outros jovens com comportamentos antissociais dado que estes satisfazem as necessidades afectivas em termos de amizade e de apoio afectivo. Barnow, Lucht e Freyberger (2005) demonstraram como os adolescentes com baixa autoestima são mais frequentemente rejeitados pelos seus pares e como esta rejeição produz um ciclo vicioso que amplifica o comportamento violento. Outras evidências empíricas (e.g., Baumeister, Smart, & Boden, 1996) demonstram que os jovens com baixa autoestima tendem a envolver-se em comportamentos antissociais com mais frequência e que a sua autoestima

sai aumentada como consequência desse envolvimento antissocial.

A presente investigação pretendeu testar duas hipóteses: a) os jovens provenientes da amostra forense apresentam valores significativamente mais elevados em traços psicopáticos, problemas de comportamento e comportamentos delinquentes, além de valores mais baixos de autoestima; b) é possível predizer a pertença de jovens às amostras forense e escolar a partir dos valores obtidos nas medidas de traços psicopáticos, problemas de comportamento, comportamentos delinquentes e autoestima.

Método

Participantes

A amostra total ficou constituída por 543 participantes do sexo masculino, sendo que desse total 221 participantes (*M* = 15.86 anos; *DP* = 1.31 anos; amplitude = 13-20 anos) foram provenientes dos Centros Educativos do Ministério da Justiça constituindo a amostra forense, 322 participantes (*M* = 16.03 anos; *DP* = 1.62 anos; amplitude = 12-20 anos) foram provenientes de estabelecimentos públicos de ensino da grande Lisboa e constituíram a amostra escolar.

Em termos das variáveis sociodemográficas obteve-se a seguinte caraterização: Grupo étnico (amostra forense: 50.2% brancos, 30.8% negros, 13.6% mulatos, 5.4% ciganos; amostra escolar: 68.6% brancos, 19.6% negros, 11.2% mulatos, 0% ciganos, 0.6% outros), Nacionalidade (amostra forense: 83.7% portuguesa, 0.5% países da Europa, 14% países de África, 1.8% outras; amostra escolar: 79.5% portuguesa, 2.2% países da Europa, 14.9% países de África, 3.4% outras), Proveniência rural vs. urbano (amostra forense: 3.6% rural, 96.4% urbano; amostra escolar: 0% rural, 100% urbano), Anos de escolaridade completos (amostra forense: *M* = 5.26 anos, *DP* = 1.41; amostra escolar: *M* = 8.93 anos, *DP* = 1.49), Situação civil dos progenitores (amostra forense: 28.2% casados/juntos, 53.6% divorciados/separados, 12.7% Pai falecido, 3.2% Mãe falecida, 2.3% ambos falecidos; amostra escolar: 71% casados/juntos, 25.5% divorciados/separados, 2.5% Pai falecido, 0.9% Mãe falecida, 0% ambos falecidos) e toma de medicamentos psiquiátricos (amostra forense: 22.6%; amostra escolar: 1.6%).

Relativamente à caracterização criminal da amostra forense os participantes tiveram o seu primeiro envolvimento em atividades criminais aos 12 anos (*M* = 11.5 anos; *DP* = 2.104 anos; amplitude = 6-16 anos), o seu primeiro problema com a lei aos 13 anos (*M* = 12.77 anos; *DP* = 1.81 anos; amplitude = 7-16 anos), a sua primeira entrada em Centro Educativo aos 15 anos (*M* = 14.94 anos; *DP* = 1.21 anos; amplitude = 12-19 anos), haviam sido condenados a 18 meses de internamento (*M* = 17.60 meses; *DP* = 6.672 meses; amplitude = 1-36 meses), 83.3% estavam internados devido a crimes considerados graves e/ou violentos, 72.6% haviam sido condenados a medida de internamento e 60.2% estavam em regime semiaberto.

Instrumentos

O Dispositivo de Despiste de Processo Antissocial versão de autorresposta (*Antisocial Process Screening Device* – APSD-SR; Frick & Hare, 2001; Pechorro, Vieira, & Vieira, 2012) é uma medida psicométrica multidimensional de 20 itens projectada para avaliar traços psicopáticos em jovens. Originalmente chamado *Psychopathy Screening Device* (PSD), foi modelado a partir da *Psychopathy Checklist - Revised* (PCL-R; Hare, 2003). Cada item é cotado numa escala ordinal de 3 pontos (Nunca = 0, Algumas vezes = 1, Frequentemente = 2), sendo que pontuações mais altas significam a elevação da presença dos traços em questão. A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas somando os respectivos itens. Alguns estudos preliminares (e.g., Frick, O'Brien, Wootton, & McBurnett, 1994) evidenciaram a existência de dois fatores: traços calosos/não-emocionais (CU; que explora dimensões interpessoais e afectivas da psicopatia como a falta de culpa e a ausência de empatia) e impulsividade-problemas de comportamento (I-CP; que explora aspetos comportamentais simultaneamente a nível de impulsividade e de problemas de comportamento). Embora a estrutura de dois fatores seja admissível, estudos posteriores (e.g., Frick, Barry, & Bodin, 2000; Frick & Hare, 2001) e mais recentes efetuados em amostras forenses de delinquentes juvenis do sexo masculino (e.g., Pechorro, Hidalgo, Nunes, & Jiménez, in press) evidenciam a existência de três fatores: traços calosos/não-emocionais (CU) e subdivisão do fator I-CP em dois fatores, nomeadamente narcisismo (Nar) e impulsividade (Imp). Pontuações mais elevadas indicam a presença das características associadas a cada fator. A consistência interna por alfa de Cronbach obtida no presente estudo foi: APSD-SR total = .75; I-CP = .77, CU = .56, Nar = .68, e Imp = .47.

A Escala de Autoestima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale* – RSES; Rosenberg, 1989; Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2011) é uma medida breve de autorresposta que avalia a autoestima em adolescentes e adultos. A RSES pode ser cotada simplesmente somando os dez itens em escala ordinal de 4 pontos (Discordo fortemente = 0, Discordo = 1, Concordo = 2, Concordo fortemente = 3), após se ter efectuado a reversão dos itens apropriados (nomeadamente os itens 2, 5, 6, 8 e 9). Pontuações mais altas indicam níveis de autoestima mais altos. A consistência interna por alfa de Cronbach obtida no presente estudo foi de .79.

A Escala de Delinquência Auto reportada Adaptada (*Adapted Self-reported Delinquency Scale* – ASRDS; Carroll, Durkin, Houghton, & Hattie, 1996; Pechorro, 2011; Pechorro, Vieira, Marôco, Barroso, & Gonçalves, 2015) é uma medida de autorresposta adaptada constituída originalmente por 38 itens que mede o envolvimento dos adolescentes em atividades ilegais e antissociais. A ASRDS pode ser cotada somando os itens em escala ordinal de 3 pontos (Nunca = 0, Algumas vezes = 1, Frequentemente = 2), sendo que pontuações mais altas significam indicam maior envolvimento em atividade criminal. A consistência interna por alfa de Cronbach obtida no presente estudo para a escala total foi de .96.

O Questionário de Capacidades e Dificuldades na versão de autorresposta (*Strengths and Difficulties Questionnaire - Self-report* – SDQ-SR; Goodman, Meltzer, & Bailey, 1998; Pechorro, Poiares, & Vieira, 2011) é um questionário comportamental curto dirigido a pré-adolescentes e adolescentes, composto por 25 itens em escala ordinal de 3 pontos (Nunca = 0, Por vezes = 1, Muitas vezes = 2). O SDQ é composto por cinco dimensões: Sintomas emocionais (ES), Problemas de comportamento (CP), Hiperatividade (H), Problemas com os pares (PP) e Comportamento pró-social (P). As consistências internas por alfa de Cronbach para o presente estudo foram: ES = .51; CP = .46; H .52; PP .43; P = .61. Estes resultados são algo baixos, mas mesmo assim aceitáveis para fins de investigação.

A Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* – MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960) na sua versão curta compósita foi concebida a partir da escala original de Marlowe-Crowne por Ballard (1992). Esta versão curta ficou conhecida como MCSDS-SF, sendo provavelmente a mais utilizada de todas as subescalas derivadas da original. No presente estudo foi utilizada a adaptação portuguesa para adolescentes da MCSDS-SF (Pechorro, Vieira, Poiares, & Marôco, 2012). A consistência interna por Kuder-Richardson obtida no presente estudo foi de .60.

Adicionalmente foi construído um questionário sociodemográfico para descrever as características sociodemográficas da amostra utilizada. Este questionário incluiu questões como a idade dos participantes, a sua nacionalidade, grupo étnico, o sexo, a proveniência rural versus urbana, os anos de escolaridade completados, o nível socioeconómico dos pais e o estado civil dos pais. O questionário focou-se também na caracterização criminal da amostra forense.

Procedimentos

O leque etário para participação dos jovens na investigação foi previamente fixado entre os 12 anos e os 20 anos dado ser esse o intervalo etário abrangido pela Lei Tutelar-Educativa no sistema judicial português. Cada questionário aplicado era precedido por um termo de consentimento informado, em que era dado conhecimento do carácter voluntário e confidencial de participação no estudo.

A recolha dos questionários em meio forense decorreu individualmente após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), Ministério da Justiça. Foram feitas aplicações em todos os Centros Educativos existentes na altura a nível nacional. Nem todos os jovens concordaram ou puderam participar, sendo que a não participação incluiu motivos como recusa em participar, impossibilidade de participar devido a não entendimento da língua portuguesa e impossibilidade de participar devido a questões de segurança. A taxa de participação foi de cerca de 90%. Todos os questionários dos jovens que participaram foram considerados válidos.

A recolha dos questionários em meio escolar decorreu após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Educação (DGE), Ministério da Educação. Foram aleatoriamente selecionadas doze escolas básicas/secundárias da região da grande Lisboa, das quais quatro concordaram em participar. Os motivos da não participação incluíram ausência sistemática de resposta ao pedido de colaboração efectuado pelo investigador, alegadas questões relativas à organização interna das escolas que impossibilitaram a colaboração, além de recusa em colaborar devido ao conteúdo forense do questionário. As escolas que aceitaram participar solicitaram que a participação de cada aluno fosse previamente autorizada através de um termo de consentimento assinado pelo encarregado de educação. No final, foram excluídos cerca de 13% dos participantes devido a estarem fora do intervalo etário estabelecido ou a motivos como terem entregado questionários não preenchidos, incompletos ou ilegíveis.

Os dados relativos aos questionários considerados válidos foram inseridos e tratados em SPSS v20 (IBM SPSS, 2011). Após a inserção dos dados ter sido feita foram aleatoriamente selecionados 10% dos questionários inseridos utilizando o SPSS, de forma a avaliar a qualidade de inserção dos mesmos. Os dados inseridos foram comparados com os questionários originais preenchidos pelos participantes. A qualidade foi considerada muito boa dado que praticamente não foram detetados erros de inserção. Relativamente às comparações entre grupos utilizaram-se técnicas paramétricas quando se estava perante uma distribuição normal (assimetria e curtose entre -2 e 2) e homogeneidade de variâncias (Marôco, 2010). Quando não havia distribuição normal optou-se pelas técnicas não paramétricas, nomeadamente o teste *U* de Mann-Whitney. Utilizou-se também regressão logística binária (codificação da variável dependente: amostra escolar = 0; amostra forense =1).

Foram também calculadas a dimensão do efeito e a potência do teste (Marôco, 2010), tendo-se obtido os seguintes valores: APSD total (efeito r = -.443; potência = .95), APSD I-CP (r = -.335; potência = .95); APSD CU (efeito η_p^2 = .139; potência = 1); APSD Nar (r = -.12; potência = .729); APSD Imp (η_p^2 = .073; potência = 1); SDQ ES (η_p^2 = .038; potência = .996); SDQ CP (η_p^2 = .299; potência = 1); SDQ H (η_p^2 = .028; potência = .977); SDQ PP (η_p^2 = .072; potência = 1); SDQ P (η_p^2 = .000; potência= .07); ASRDS total (r = -.71; potência = .95); RSES (η_p^2 = .073; potência = 1); MCSDS-SF (η_p^2 = .018; potência = .888).

Resultados

Na fase inicial do tratamento de dados foram analisadas as variáveis moderadoras incluídas no questionário sociodemográfico. Os resultados demonstraram que a amostra forense continha mais participantes de etnia/raça negra e cigana (χ^2 = 33.557, $p \leq .001$), mais participantes de proveniência rural (χ^2 = 11.83, $p \leq .001$), menos anos de escolaridade completos (F = 825.797,

$p \leq .001$), mais progenitores com baixo nível socioeconómico (U = 18181, $p \leq .001$), mais progenitores divorciados/separados ou falecidos (χ^2 = 103.98, $p \leq .001$), maior número de coabitantes no agregado familiar (U = 29744.5, $p \leq .01$), maior quantidade de irmãos/meios-irmãos (U = 14709, $p \leq .001$) e a tomar mais medicamentos psiquiátricos (χ^2 = 63.709, p $\leq$ .001). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a amostra forense e a amostra escolar relativamente à idade dos participantes e à nacionalidade.

Relativamente aos instrumentos, na comparação das amostras quanto ao APSD-SR e às suas dimensões foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todos os casos (ver Tabela 1).

Tabela 1. *Estatísticas descritivas, ANOVAs e teste U das dimensões do APSD-SR*

	Forense	Escolar	Valor *p**
APSD-SR Total			U = 17087
Média das ordens	355.68	214.57	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.447 – .006	1.247 – 2.827	
APSD-SR I-CP			U = 21586
Média das ordens	335.33	228.54	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.692 – .141	1.228 – 2.164	
APSD-SR CU			F_W = 81.956
M (DP)	5.226 (2.347)	3.487 (1.961)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.087 – -.115	.653 – .172	
APSD-SR Nar			U = 30656
Média das ordens	294.29	256.7	$p \leq .01$
Assimetria-Curtose	.117 – .169	1.322 – 2.101	
APSD-SR Imp			F = 42.43
M (DP)	4.393 (1.805)	3.343 (1.871)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.287 – -.050	.668 – .273	

Nota. APSD = Antisocial Process Screening Device; I-CP = Impulsividade-Problemas de Comportamento; CU = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade; *Valor *p* obtido por *ANOVA* ou por Teste *U*; *U* = *U* de Mann-Whitney; F_W = *F* de Welch; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

Na comparação das amostras quanto às escalas do SDQ-SR, à ASRDS, à RSES e à MCSDS-SF foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as escalas, excepto na escala P (ver Tabela 2).

Tabela 2. *Estatísticas descritivas, ANOVAs e teste U das variáveis SDQ-SR, ASRDS, RSES e MCSDS-SF*

	Forense	Escolar	Valor *p**
SDQ-SR ES			F_W = 19.259
M (DP)	3.194 (1.839)	2.557 (1.362)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.466 – -.416	.884 – 1.002	
SDQ-SR CP			F_W = 205.112
M (DP)	4.561 (2.056)	2.254 (1.479)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.08 – -.525	1.004 – 1.461	
SDQ-SR H			F = 64.355
M (DP)	4.61 (2.058)	3.909 (1.994)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	-.125 – -.41	.537 – -.054	
SDQ-SR PP			F_W = 38.483
M (DP)	2.959 (1.834)	2.04 (1.466)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.622 – .344	.958 – .883	
SDQ-SR P			F_W = .167
M (DP)	7.343 (1.993)	7.276 (1.717)	p = .683
Assimetria-Curtose	-.358 – -.491	-.298 – -.454	
ASRDS			U = 5885.5
Média das ordens	406.37	179.78	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.311 – -.719	2.11 – 5.807	
RSES			F = 42.394
M (DP)	20.325 (4.739)	22.966 (4.665)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	-.107 – -.184	-.886 – .901	
MCSDS-SF			F_W = 10.513
M (DP)	17.954 (2.371)	18.657 (2.62)	$p \leq .001$
Assimetria-Curtose	.184 – -.315	.084 – -.313	

Nota. SDQ-SR = Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de autorresposta; ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperatividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; ASRDS = Escala de Delinquência Auto relatada Adaptada; RSES = Escala de Autoestima de Rosenberg; MCSDS-SF = Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta; *Valor *p* obtido por ANOVA ou por Teste *U* (2-sided); F_W = *F* de Welch; *U* = *U* de Mann-Whitney; F_W = *F* de Welch.

Para avaliar a significância da autoestima, dos problemas de comportamento, dos traços psicopáticos, dos comportamentos delinquentes e da desejabilidade social na predição da pertença à amostra forense ou à amostra escolar recorreu-se à regressão logística binária pelo método *Enter* (Tabachnick & Fidell, 2007). Utilizou-se a Tolerância e o VIF para comprovar a inexistência de multicolinearidade (Leech, Barrett, & Morgan, 2008). As variáveis apresentadas na Tabela 5, quando consideradas em conjunto, prediziam significativamente ou de forma marginalmente significativa a pertença às amostras forense e escolar. As variáveis que não atingiram um valor estatisticamente significativo (e.g., SDQ-SR dimensão Sintomas Emocionais, SDQ-SR dimensão Hiperatividade) ou que apresentavam problemas graves de multicolinearidade (e.g., APSD-SR total, APSD-SR dimensão Impulsividade, APSD-SR dimensão Narcisismo) foram removidas da equação (ver Tabela 3).

Tabela 3. *Coeficientes do modelo de regressão logística binária da variável Amostras forense e escolar*

Variáveis	B	SE	Wald	Exp(B)	Valor *p*
RSES	-.064	.027	5.355	.938	$p \leq .05$
SDQ-SR CP	.418	.090	21.388	1.518	$p \leq .001$
SDQ-SR PP	.269	.081	10.825	1.309	$p \leq .001$
SDQ-SR P	.404	.087	21.155	1.497	$p \leq .001$
APSD I-CP	-.161	.044	13.245	.851	$p \leq .001$
APSD CU	.351	.071	23.962	1.420	$p \leq .001$
ASRDS	.183	.017	108.748	1.200	$p \leq .001$
MCSDS-SF	.117	.058	3.948	1.124	$p \leq .05$
Constante	-9.709	1.599	36.853	.000	$p \leq .001$

Nota. RSES = Escala de Autoestima de Rosenberg; SDQ-SR = Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de autorresposta; SDQ-SR CP = Problemas de comportamento; SDQ-SR PP = Problemas de relacionamento com os colegas; SDQ-SR P = Comportamento pró-social; APSD = Dispositivo de Despiste de Processo Antissocial versão de autorresposta; APSD I-CP = Impulsividade-Problemas de Comportamento; APSD CU = Traços calosos/não-emocionais; ASRDS = Escala de Delinquência Auto relatada Adaptada; MCSDS-SF = Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta.

O modelo foi também utilizado para classificar os sujeitos que participaram no estudo, tendo-se observado uma percentagem de classificação geral correcta de 90.7%, o que demonstra a utilidade do modelo para classificar novas observações. O modelo obteve ainda uma elevada sensibilidade (81.2%) e uma excelente especificidade (95.5%).

Discussão

Na comparação dos participantes da amostra forense com os da amostra escolar relativamente às variáveis sociodemográficas verificámos a existência de diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis analisadas. Apenas nas variáveis idade e nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente aos instrumentos psicométricos, no APSD-SR a amostra forense obteve valores mais altos no APSD-SR total e nas suas dimensões, nomeadamente Impulsividade-Problemas de Comportamento (I-CP), Traços Calosos/não-emocionais (CU), Narcisismo (Nar) e Impulsividade (Imp). Estes resultados foram de encontro das hipóteses levantadas de que a amostra forense obteria valores mais elevados em psicopatia e nas dimensões que a constituem (e.g., Andershed et al., 2002; Frick et al., 2003; Vitacco et al., 2002).

No SDQ-SR a amostra forense obteve valores mais altos em Sintomas Emocionais (ES), em Problemas de Comportamento (CP), em Hiperatividade (H) e em Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP). Relativamente a

Comportamento Pró-social (P) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Estes resultados foram na sua maioria ao encontro das hipóteses por nós formuladas, dada a ligação que é sabido haver entre os comportamentos disruptivos / défice de atenção e os comportamentos antissociais que caracterizam a amostra forense (e.g., Barry et al., 2000; Salekin et al., 2004). Esperávamos, todavia, que a amostra escolar tivesse obtido valores significativamente mais elevados em Comportamento Pró-social (P).

Na ASRDS a amostra forense obteve valores mais altos em termos de delinquência. Estes resultados foram na linha do que era esperado, nomeadamente no maior envolvimento dos jovens da amostra forense em atividades de tipo criminal (e.g., Thornberry & Krohn, 2000), razão pela qual, aliás, se encontram em Centro Educativo. Na RSES a amostra forense obteve um valor mais baixo em autoestima que a amostra escolar. Estes resultados foram ao encontro do que era esperado, dada a ligação que é conhecida existir entre delinquência e autoestima baixa (e.g., Donnellan et al., 2005). Na MCSDS-SF a amostra forense obteve valores mais baixos em desejabilidade social. Estes resultados são contra-intuitivos, dado que se poderia, em termos de senso comum, esperar maiores pontuações em desejabilidade social por parte dos jovens constituintes da amostra forense (no sentido de estarem a tentar apresentar uma imagem mais positiva de si). Todavia, Lilienfeld e Fowler (2006) já haviam demonstrado que os psicopatas frequentemente relatam com fiabilidade a presença de características socialmente desvalorizadas tais como comportamentos antissociais, hostilidade e fraco controlo dos impulsos. Existem, portanto, evidências que permitem corroborar a hipótese inicialmente colocada de que os jovens da amostra forense apresentam valores significativamente mais elevados traços psicopáticos, problemas de comportamento e comportamentos delinquentes, bem como valores mais baixos em autoestima.

No modelo de regressão logística binária da variável dependente Amostras Forense e Escolar a maioria das variáveis independentes obtiveram valores estatisticamente significativos. Os três rácios de chances (*odds ratio*) mais altos encontrados foram: SDQ-SR CP (Problemas de Comportamento) com 1.518, SDQ-SR P (Comportamento Pró-social), com 1.497 APSD-SR C/U (Traços Calosos/não-emocionais) com 1.420. Tal significa que as chances de pertencer à amostra forense melhoram 51.8%, 49,7% e 42% por cada aumento de unidade respectivamente no SDQ-SR CP, no SDQ-SR P e no APSD-SR C/U (Marôco, 2010). Os resultados obtidos no modelo de regressão reforçam o papel fundamental das variáveis problemas de comportamento (e.g., Salekin et al., 2004), traços psicopáticos (e.g., Frick et al., 2003), comportamentos delinquentes (e.g., Thornberry & Krohn, 2000) e autoestima (e.g., Donnellan et al., 2005) no estudo da delinquência juvenil. Também neste caso existem, portanto, evidências que permitem corroborar maioritariamente a hipótese colocada de que é possível predizer a pertença de jovens às amostras forense e escolar a partir dos valores obtidos nas medidas de traços psicopáticos, problemas de comportamento,

comportamentos delinquentes e autoestima.

Devemos também mencionar algumas limitações da presente investigação. Uma limitação importante refere-se à baixa consistência interna de algumas escalas e dimensões utilizadas (e.g., APSD-SR CU, MCSDS-SF), recomendando-se que em investigações futuras se utilizem medidas destes constructos que apresentem melhor fiabilidade. Também o facto de termos utilizados principalmente medidas de autorresposta pode ser apontado como uma limitação, recomendando-se que estudos futuros utilizem múltiplos métodos de avaliação (e.g., *rating scales* como a PCL:YV), de avaliadores (e.g., professores, pais) e de fontes de informação (e.g., informação institucional referente aos participantes existente em Centros Educativos e Escolas).

De uma forma geral os nossos resultados fornecem apoio adicional à extensão do constructo de psicopatia aos adolescentes portugueses. Adicionalmente, foi possível demonstrar a utilidade do APSD-SR como instrumento de triagem com capacidade discriminante que poderá servir como meio de identificação precoce de adolescentes com traços psicopáticos altos. A identificação precoce poderá permitir a preparação de intervenções em casos de jovens em risco de delinquência ou casos de jovens que já iniciaram na atividade delituosa e que devido a demonstrarem traços psicopáticos elevados poderão tornar-se ofensores graves e persistentes. Desta forma, poderá haver uma base sólida e científica para implementar intervenções direcionadas e mais eficientes do ponto de vista de custo/benefício. Em termos de investigações futuras, seria interessante comprovar se os resultados que obtivemos se replicariam com amostras de participantes do sexo feminino.

Referências

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Andershed, H., Gustafson, S., Kerr, M., & Stattin, H. (2002). The usefulness of self-reported psychopathy-like traits in the study of antisocial behaviour among non-referred adolescents. *European Journal of Personality, 16*, 383-402.

Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports, 71*, 1155-1160.

Barnow, S., Lucht, M., & Freyberger, H. J. (2005). Correlates of aggressive and delinquent conduct problems in adolescence. *Aggressive Behavior*, *31*, 24-39.

Barry, C., Frick, P., DeShazo, T., McCoy, M., Ellis, M., & Loney, B. (2000). The importance of callous-unemotional traits for extending the concept of psychopathy to children. *Journal of Abnormal Psychology, 109*(2), 335-340.

Baumeister, R., Smart, L., & Boden, J. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review*, *103*, 5-33.

Caldwell, R., Beutler, L., Ross, S., & Silver, N. (2006). Brief report: An examination of the relationships between parental monitoring, self-esteem and delinquency among Mexican American male adolescents. *Journal of Adolescence, 29*(3), 459-464.

Caputo, A., Frick, P., & Brosky, S. (1999). Family violence and juvenile sex offending: The potential role of psychopathic traits and negative attitudes toward women. *Criminal Justice and Behavior, 26*, 338-356.

Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-reported delinquency scale for western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology, 48*(1), 1-7.

Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, *24*, 349-354.

Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science, 16*, 328–335.

Farrington, D. (2004). O Estudo de Desenvolvimento da Delinquência de Cambridge: Principais resultados dos primeiros 40 anos. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 73-132). Coimbra: Almedina.

Farrington, D., Loeber, R., & Kalb, L. (2001). Key research and policy issues. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention, and service needs* (pp. 385-394). Thousand Oaks: Sage Publications.

Forth, A., & Book, A. (2010). Psychopathic traits in children and adolescents. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 251-283). New York: The Guilford Press.

Forth, A., Kosson, D., & Hare, R. (2003). *Hare Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL:YV): Technical manual*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.

Frick, P. (1998). *Conduct disorders and severe antisocial behaviour*. New York: Plenum Publishing Corporation.

Frick, P., Barry, C. & Bodin, S. (2000). Applying the concept of psychopathy to children: Implications for the assessment of antisocial youth. In C. Gacono (Ed.), *The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner´s guide* (pp. 1-24). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Frick, P., & Hare, R. (2001). *Antisocial Process Screening Device (APSD): Technical manual*. Toronto: Multi-Health Systems.

Frick, P., Kimonis, E., Dandreaux, D., & Farrel, J. (2003). The 4 year stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavioral Sciences and the Law, 21*, 713-736.

Frick, P., O'Brien, B., Wootton, J., & McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduct problems in children. *Journal of Abnormal Psychology, 103*, 700-707.

Goodman, R., Meltzer, H., & Bailey, V. (1998). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European Child and Adolescent Psychiatry, 7*, 125-130.

Hare, R. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised: Technical manual* (2nd Ed.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.

IBM SPSS. (2011). *IBM SPSS Statistics Base 20*. Chicago, IL: SPSS Inc.

Kruh, I., Frick, P., & Clements, C. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice and Behavior*, *32*, 69-96.

Leech, N., Barrett, K., & Morgan, G. (2008). *SPSS for intermediate statistics: Use and interpretation* (3rd Ed.). New York: LEA.

Leistico, A., Salekin, R., DeCoster, J., & Rogers, R. (2008). A large-scale meta-analysis relating the Hare measures of psychopathy to antisocial conduct. *Law and Human Behavior, 32*, 28-45.

Lilienfeld, S., & Fowler, K. (2006). The self-report assessment of psychopathy: Problems, pitfalls, and promises. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 107-132). New York: The Guilford Press.

Lynam, D. (1998). Early identification of the fledgling psychopath: Locating the psychopathic child in the current literature. *Journal of Abnormal Psychology, 107*, 566-575.

Loeber, R., & Farrington, D. (2001). The significance of child delinquency. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention and service needs* (pp. 1-24). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.

Mason, W. (2001). Self-esteem and delinquency revisited (again): A test of Kaplan's Self-derogation theory of delinquent using latent growth curve modeling. *Journal of Youth and Adolescence, 30*(1), 83-102.

Myers, W., Burket, R., & Harris, H. (1995). Adolescent psychopathy in relation to delinquent behaviors, conduct disorders, and personality disorders. *Journal of Forensic Sciences, 40*, 436–440.

Moffitt, T. (1993). Adolescent-limited and life-persistent antisocial behaviour: A developmental taxonomy. *Psychological Review, 100*(4), 674-701.

Moffitt, T., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P. (2006). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency and violence in the Dunedin longitudinal study*. Cambridge: Cambridge University Press.

Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention (1995). Introduction. In J. Howell (Ed.), *Guide for implementing the comprehensive strategy for serious, violent, and chronic juvenile offenders*. U.S. Department of Justice: Office of Justice Programs.

Patterson, G., & Yoerger, K. (2002). Um modelo desenvolvimental da delinquência de início tardio. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família: Uma abordagem científica* (pp. 93-156). Coimbra: Almedina.

Pechorro, P. (2011). *Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos*. Dissertação de Doutoramento não-publicada. Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. (2011). Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina, 25*(5/6), 174-179.

Pechorro, P., Poiares, C., & Vieira, R. (2011). Propriedades psicométricas do Questionário de Capacidades e de Dificuldades na versão portuguesa de auto-resposta. *Revista de Psiquiatria Consiliar e de Ligação, 16/19*(1/2), 99-109.

Pechorro, P., Vieira, R., & Vieira, D. (2012). Adaptação e validação preliminar duma versão portuguesa do Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social. *Laboratório de Psicologia, 10*(1), 97-110.

Pechorro, P., Vieira, R., Poiares, C., & Marôco, J. (2012). Contributos para a validação duma versão curta da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne com adolescentes portugueses. *Arquivos de Medicina, 26*(1), 11-17.

Pechorro, P., Marôco, J., Gonçalves, R., Nunes, C., & Jesus, S. (2014). Psychopathic traits and age of crime onset in male juvenile delinquents. *European Journal of Criminology, 1*(3), 288–302.

Pechorro, P., Vieira, R., Marôco, J., Barroso, R., & Gonçalves, R. (2015). Adaptação de uma versão portuguesa da Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada para adolescentes. *PSICOLOGIA, 29*(1), 59-67.

Pechorro, P., Hidalgo, V., Nunes, C., & Jiménez, L. (in press). Confirmatory factor analysis of the Antisocial Process Screening Device: Self-Report among incarcerated male juvenile offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. DOI: 10.1177/0306624X15588903

Pechorro, P., Barroso, R., Marôco, J., Vieira, R., & Gonçalves, R. (in press). Psychometric properties of the Psychopathy Checklist: Youth Version among Portuguese juvenile delinquents. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. DOI: 10.1177/0306624X14535558

Pechorro, P., Ray, J., Barroso, R., Marôco, J., & Gonçalves, R. (in press). Validation of the Inventory of Callous-Unemotional Traits among a Portuguese sample of detained juvenile offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. DOI: 10.1177/0306624X14551256

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2012). Child and adolescent psychopathy: A state-of-the art reflection on the construct and etiological theories. *Journal of Criminal Justice, 40*, 269–277.

Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Revised edition. Middletown: Wesleyan University Press.

Salekin, R., Leistico, A., Neumann, C., DiCicco, T., & Duros, R. (2004). Psychopathy and comorbidity in a young offender sample: Taking a closer look at psychopathy's potential importance over disruptive behavior disorders. *Journal of Abnormal Psychology, 113,* 416–27.

Salekin, R., Rosenbaum, J., & Lee, Z. (2008). Child and adolescent psychopathy: Stability and change. *Psychiatry, Psychology & Law, 15*(2), 224-236.

Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin, & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent*

psychopathy (pp. 1–12). New York, NY: Guilford.

Sevecke, K., & Kosson, D. (2010). Relationships of child and adolescent psychopathy to other forms of psychopathology. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 284-314). New York: The Guilford Press.

Serin, R. (1991). Psychopathy and violence in criminals. *Journal of Interpersonal Violence, 6*, 423-431.

Sylvers, P., Brennan, P., & Lilienfeld, S. (2011). Psychopathic traits and preattentive threat processing in children: A novel test of the fearlessness hypothesis. *Psychological Science, 22*, 1280–1287.

Tabachnick, B., & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics* (5th Ed.). New York: Pearson.

Thornberry, T., & Krohn, M. (2000). The self-report method for measuring delinquency and crime. *Criminal Justice, 4*, 33-83.

Van Baardewijk, Y., Vermeiren, R., Stegge, H., & Doreleijers, T. (2011). Self-reported psychopathic traits in children: Their stability and concurrent and prospective association with conduct problems and aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 33*(2), 236-245.

Vaughn, M., & Howard, M. (2005). Self-report measures of juvenile psychopathic personality traits. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 13*(3), 152-162.

Wilson, K., Juodis, M., & Porter, S. (2011). Fear and loathing in psychopaths: A meta-analytic investigation of the affect recognition deficit. *Criminal Justice and Behavior, 38*, 659–668.